

***Meus senhores e minhas senhoras,
Autoridades aqui presentes,
Meu querido presidente desta casa, poeta Artur
Eduardo Benevides
Minha amiga Giselda Medeiros,***

Neste momento sinto-me duplamente feliz. Primeiro porque apresento alguém para assumir uma cadeira nesta casa. Segundo porque essa pessoa é mulher. Quero, antes de felicitar a amiga, também fazê-lo ao meu presidente. Definitivamente ele foi uma peça importante para o preenchimento de algumas vagas na Academia com escritoras e poetisas, e decididamente findou com a era de apenas escritores homens numa sociedade onde bens, saber, atividades, prazeres, obrigações e trabalhos devem ser divididos entre o homem e a mulher. O dom da escrita não se opõe ao sexo. Ambos, macho e fêmea possuímos (se possuímos) valores que ultrapassam o simples fato de sermos homens ou mulheres. Até 1951, apenas uma mulher ao longo de quase 64 anos foi capaz de reunir qualidades exigidas na época, para se enquadrar nos requisitos ditados pelos que faziam a Academia Cearense de Letras. Alba Valdez foi a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, em 1937. Em 1951 a escritora Henriqueta Galeno assumiu a cadeira de número 23. Mais tarde, em 1960, Cândida Maria Santiago Galeno assumiu a terceira vaga nesta casa. A quarta mulher a ingressar na Academia foi a ensaísta e professora Noemi Elisa Soriano Aderaldo. Depois que, em 1993, o poeta Artur Eduardo Benevides foi eleito presidente da Academia, assumiram cadeiras no grupo: Marly Vasconcelos (1990); Beatriz Alcântara (1994); Rachel de Queiroz (também em 1994), esta que vos fala em 1995, Ângela Gutiérrez em 1997, e agora em 2000, Giselda Medeiros. Foram precisos 100 anos para que um poeta se enternecesse e reconhecesse o valor da mulher na literatura.

As letras não têm sexo. Coração não tem sexo. Inteligência não reconhece sexo. Homens e mulheres escrevem sem pensar: sou homem? Sou mulher? Existe escrita feminina? Existe escrita masculina? Há muito se discute sobre sexo em literatura. Já

escutei que as mulheres tendem a particularizar ações, homens as generalizam. O homem descreve paisagens, as mulheres pessoas. Somos complementares um a outro, daí realmente é mais do que preciso, para que o mundo seja equilibrado, que haja a voz feminina e masculina. Segundo Rilke é possível que os sexos sejam mais aparentados do que se pensa e a grande renovação do mundo talvez resida nisto: o homem e a mulher, libertados de todos os sentimentos falsos, de todos os empecilhos, virão a procurar-se não mais como contrastes, mas sim como irmãos e vizinhos; a juntar-se como homens para carregarem juntos, com simples e paciente gravidade, a sexualidade difícil que lhes foi imposta.

Uma poetisa é quem apresentamos hoje: Giselda Medeiros. Uma mulher que é a própria poesia, pois escreve, fala e pratica poesia com quem quer que prive de sua amizade. Uma mulher moderna, culta, alegre e atuante nas letras de nossa terra. Detentora de 13 Menções Honrosas e 12 Primeiros Lugares, afora outras primeiras classificações que não serão citadas aqui. Soma um total de 47 prêmios em categorias diferentes, tais como:

*

* *

Contos, Poesia, e Crônicas (5)

II Prêmio Ceará de Literatura categoria (poesia) - 1995

V Prêmio Literário Cidade de Fortaleza- (contos) - 1995

XV Prêmio de Poesia Falada do Norte e Nordeste-SE - 1996

Prêmio Osmundo Pontes de Literatura-CE- (Poesia) - 1999

Trovas (7)

XII Jogos Florais de Fortaleza - 1988

XIV Jogos Florais de Fortaleza - 1990

II Concurso Interno de Trovas Temas Diversos - 1991

Concurso Estadual de Trovas Trovador Vasques Filho - 1992

XII Concurso Nacional de Trovas- UBT Natal, RN - 1992

VI Concurso Interno UBT (Temas diversos) Fortaleza - 1995

Concurso Nacional de Trovas UBT Fortaleza - 1995

I Concurso Estadual de Trovas- UBT de Orós-CE - 1996

É autora de:

ALMA LIBERTA - poemas – IOCE – 1986 – CE

TRANSPARÊNCIAS - poemas e trovas – Multigraf – CE – 1989

CANTOS CIRCUNSTANCIAIS - poemas – Multigraf – CE – 1996

A TROVA – ESTRUTURA E LINGUAGEM (ensaio) – Edições FB – CE – 1997

Participou e organizou também algumas coletâneas de poesias. Ganhou algumas medalhas. Decididamente estamos diante de uma batalhadora das letras mas uma vencedora, o que é mais difícil.

Uma pergunta: - por que a poesia? Sofre o poeta quando derrama versos num papel? Ou se liberta ele da dor quando finalmente páre o poema? Lya Luft em “O Rio do Meio” comenta que a primeira e universal indagação ao escritor: por que você escreve? Um escritor responde que escreve para não morrer, uma mulher dizia que escrevia para não enlouquecer, outra revela que escreve para se sentir amada. Ela, Lya Luft, diz que escreve como quem assobia no escuro: falando do que lhe deslumbra ou assusta desde criança, dialogando com o fascinante.

A poesia é mais que o vislumbre de um momento, é a beleza do viver expressa em palavras e segundo Dostoiévski a beleza salvará o mundo.

Nossa apresentada é poetisa da melhor safra. Uva madura, vinho degustado, sabor adocicado.

São seus os versos:

*“O poeta é o mar
Onde navegam as naus da esperança.
É o rio
que, mesmo entre pedras, canta
com a mesma intensidade com que chora
entre plumas e corais.”*

(do livro “Transparência”)

Recorremos à poesia por razões inconscientemente miméticas. Por utilizar o modo analítico de cognição, mas orientar-se principalmente para os modos de intuição e da revelação o exercício poético é um acelerador de consciência.

Segundo Josef Brodski, poeta russo que morreu em Nova York em 1996 e prêmio Nobel de Literatura em 1987, o que nos diferencia dos outros animais é a palavra e, sendo o poeta o instrumento de que se serve a língua para existir e renovar-se, a poesia,- enquanto realização suprema da palavra- é a meta de nossa espécie. Se o lirismo é quem faz sobreviver uma obra de arte, o lirismo é a ética da linguagem.

Os poetas dizem a história por meio de sua linguagem progressiva. Há dor e prazer em suas palavras, há, sobretudo, emoção sintetizada em curtos versos:

Se não, apreciem esses de Giselda,

*“E neste conflito é que eu vivo:
não sei se és eu ou sou tu.
E enquanto não se decifra
vivo por mim e por ti.*

*E assim vivendo é que eu morro
Porque não sei mais quem sou.
E sofro mais, pois, se morro,
tu vais morrendo em mim.”*

(do livro Cantos Circunstanciais)

Octávio Paz afirma que a poesia é a memória dos povos e que é também aquela parte secreta da alma de cada um dos povos, na qual, de alguma maneira muito obscura e ambígua, o futuro se reflete.

Quem quer buscar comportamento dos povos busca o que eles deixaram escrito. A arte, mesmo quando a verbalização oral era a mais importante, ficou gravada em pedras, em artefatos manufaturados por povos da antiguidade. Porque suas emoções foram expressas em desenhos e sua alma foi pintada em cores buscadas na natureza.

O poeta vê com a alma, pinta letras, versos, pensamentos nas suas palavras. Busca o belo com imagens metafóricas e leva ao deleite leitores sensíveis. Há quem chore ao escutar versos. E se diz que poeta é o que comove, o que leva o leitor ao limiar da sensibilidade. Há cores nas palavras de um bom poeta. Há paisagens, desfiladeiros, montanhas, arco-íris e há chuva. Há chuva nos versos de um bom poeta e elas rimam com o leitor quando nos olhos desse chove em resposta à chuva provocada pelas imagens ricas de quem as escreveu.

Giselda confirma minhas palavras quando busca elementos da natureza para traçar seus caminhos:

*" Mas como poderei achar-me
Se não estiveres em mim?
Pois é no teu caminho vago
que traço o meu destino andante
de estrela, de rio, de vento,
Margeando sempre a solidão."*

(do livro Cantos Circunstanciais)

O poeta é um ser solitário? Ou é uma multidão em um só ser? Ele conta sua história ou vive uma história mesmo sem ser sua na mais pura realidade, misturando o seu ao sonho de outrem? Muito há de se pensar sobre a poesia. Para mim é um momento de transe onde o abstrato se mistura ao concreto. E que beleza Giselda concretiza em palavras:

*“Deixarei que o vento perpassse
o meu ser e dele retire
teu nome, teu gesto, teu vulto
para que eu possa respirar.*

*Deixarei que as estrelas roubem
teu brilho e em seu olhar azul
prenda-o, assim verei luzir
uma outra vez o meu olhar.”*

(do livro Cantos Circunstanciais)

Ferreira Gullar comenta em uma reportagem na *Folha de S.Paulo* em 1995, que é interessante se observar, no, entanto que, se não a dor física, tampouco é a dor moral que gera a obra de arte. A dor moral nos obriga a encarar a realidade, a redescobri-la na sua verdade, e essa redescoberta é que gera a obra. Sendo assim, segundo o poeta, devemos concluir que não apenas a dor, mas qualquer outro fator de vida, que nos tire do equilíbrio em que nos mantemos à beira do abismo existencial, pode funcionar como espoleta do poema ou da sinfonia. Platão dizia que o conhecimento nasce do espanto. A arte também.

Que o espanto aconteça mais e mais na alma da nossa poeta Giselda. Que ele se materialize e se transforme em mais poesia em sua mente. São os votos de quem lhe deseja um mar de poesias pela estrada da vida. Parabéns, Giselda! Parabéns a todos nós por termos uma poeta entre nós.

* Discurso proferido pela acadêmica Regine Limaverde por ocasião da posse da acadêmica Giselda Medeiros.